PENSAMENTO E DESCONSERTO: OUTRAS POSSIBILIDADES DE SE PENSAR COM A HISTÓRIA.

Pablo Spíndola[1]

RESUMO

Após a publicação do livro *Vigiar e Punir*, do pensador francês Michel Foucault, um historiador francês chamado Jacques Léonard, escreve uma resenha crítica sobre o livro. Nesse artigo, Jacques Léonard propõe uma dada forma de leitura do livro e da história. Em resposta a essa proposta, Michel Foucault escreve um texto e propôs um tipo de forma de leitura histórica, para seu livro, e debateu sobre um determinado tipo de escrita histórica. A proposta aqui é, após acompanhar as discussões entre Michel Foucault e Jacques Léonard, refletir sobre as possibilidades de se pensar com a história as recentes discussões sobre o próprio saber histórico. Os sucessivos posicionamentos que a ligação em rede, principalmente nas redes sociais, colocou em pauta certas premissas naturalizadas sobre o saber histórico. O esforço foi o de tentar ampliar as reflexões e o desconserto sobre o historiar que pode haver em tempo de mudanças.

Palavras-chave: Michel Foucault – Jacques Léonard – historiar – desconserto – redes sociais

ABSTRACT

After the publication of the book Watch and Punish, the French thinker Michel Foucault, a French historian named Jacques Léonard, writes a critical review of the book. In this article, Jacques Léonard proposes a form of reading of the book and of history. In response to this proposal, Michel Foucault writes a text and proposed a kind of historical reading form for his book, and discussed a certain type of historical writing. The proposal here is, after following the discussions between Michel Foucault and Jacques Léonard, to reflect on the possibilities of thinking with history about the recent discussions about historical knowledge itself. The successive positioning that the network, mainly in social networks, has put in agenda some assumptions naturalized on the historical knowledge. The effort was to try to broaden the reflections and the unsettled on the history that may exist in time of changes.

Key words: Michel Foucault – Jacques Léonard – to historize – unrelated – social networks

A noção de desconserto, grafada com "s", pode ser entendida como falta de reparo, falto de conserto, um desarranjo, uma desordem. Reunir pensamento e desconserto em um título de algo que versará sobre história é uma tentativa de pensar pela diferença, é tentar deslocar as possibilidades de reflexão para o limite, é tentar pensar diferentemente do que se pensa. Poucos conseguiram fazer isso, mas se alguém conseguiu fazê-lo com certo êxito foi Michel Foucault. Ele o fez de várias maneiras e com distintos propósitos, seja para investigar

[1] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da UFRRJ, bolsista Capes. E-mail: phst81@icloud.com

o discurso sobre a loucura, seja para refletir sobre o saber médico, seja para investigar o nascimento das ciências humanas, seja para problematizar a razão punitiva, ou ainda para por em xeque os dispositivos éticos-sociais da sexualidade. Nas mais diversas formas e nas mais distintas maneiras, em comum a todas elas, está a recorrente sensação de desconserto provocada pelas proposições foucaultianas.

Dentre essas proposições de desconserto, de desarranjo de uma determinada forma de se escrever a história, uma que pode ser tomada como exemplo é um debate iniciado após a publicação do livro *Vigiar e Punir*, por ocasião de uma resenha crítica elaborada a respeito do mesmo. A resenha de *Vigiar e Punir* foi feita por um historiador francês chamado Jacques Léonard, em 1976, e depois foi transformada em artigo em 1977, com o título de *L'historien et le philosophe – A propos de: Surveiller et punir: naissance de la prison*. Nesse artigo, Jacques Léonard propõe uma dada forma de leitura do livro e em resposta a essa proposta, Michel Foucault escreve um artigo chamado *A poeira e a nuvem*, e ao fazer isso, também propôs um tipo de forma de leitura histórica, para seu livro, mas sobretudo, problematizou sobre um determinado tipo de escrita histórica.

Essas duas visões de como lidar com o passado podem ser indicativas de como esses pensadores, ligados a tradições teóricas bastante distintas, estavam lidando com o historiar na década de 70 do século passado, no *establishment* francês que, nessa época, estava em meio às contestações ocorridas desde as manifestações de Maio de 1968. Sendo plausível admitir que desde então as reflexões sobre o historiar passaram sobre uma crise em muitos aspectos, localizar essas argumentações no estilo, na apropriação do passado, mas sobretudo nas visões da história, constitui uma tentativa de entendimento por quais historicidades ambos refletiram sobre os modos de historiar.

Essas reflexões em tempo de crise podem ajudar a pensar com a história outras possibilidades de como lidar com o passado, mas também problematizar o presente contendo uma historicidade. A proposta aqui é, após acompanhar as discussões entre Michel Foucault e Jacques Léonard, refletir sobre as possibilidades de se pensar com a história as recentes discussões sobre o próprio saber histórico. Os sucessivos posicionamentos que a ligação em rede, principalmente nas redes sociais, colocou em pauta certas premissas naturalizadas sobre o saber histórico. O esforço aqui foi o de tentar ampliar as reflexões e o desconserto sobre o historiar que pode haver em tempo de mudanças intensas.

Para isso, se dividiu essa reflexão em três momentos: inicialmente uma investigação sobre o debate entre Michel Foucault e Jacques Léonard, tentando perceber nuanças e desconsertos que poderiam emergir desse tipo de debate. Num segundo momento, entender

como vem se constituindo um determinado tipo de senso comum de descrédito do saber histórico nas redes sociais, mais direcionado ao saber produzido em lugares de fala, antes privilegiados. Por fim, numa tentativa de causar desconserto, perceber como o ambiente de rede pode demandar um tipo de *ratio*, que mais do que dar voz aos seus participantes, demanda deles a necessidade de se posicionarem.

***

Numa consulta rápida feita a uma plataforma de compartilhamento de textos acadêmicos chamada Academia.edu (http://academia.edu/), ao se colocar na sua ferramenta de busca "Michel Foucault et les historiens" (Michel Foucault e os historiadores) aparecem 39.459 trabalhos. No entanto, ao se colocar "Jacques Léonard et les historiens" (Jacques Léonard e os historiadores) aparecem 37.632 trabalhos associados a essa pesquisa. Essa diferença não parece significativa entre a produção dos dois pensadores, porém quando repetimos essa busca, utilizando apenas os nomes; Michel Foucault e Jacques Léonard essa distância se amplia consideravelmente para 151.548 trabalhos associados à entrada "Michel Foucault" e apenas 5.560 associados à entrada "Jacques Léonard". Talvez, para além das questões que envolvem os logaritmos de busca desenvolvidos para esse tipo de busca, também se tenha uma problematização de cunho histórico.

Em 1976, Michel Foucault se consolidava como pensador entre os intelectuais franceses, mas também em países como Itália, Japão, Brasil e Estados Unidos. Nesse mesmo ano, Jacques Léonard apresentava sua tese de doutorado em Letras e Ciências Humanas sobre a história social da medicina francesa. Pensadores distintos por seus trabalhos e com trajetórias teóricas diferentes, eles protagonizaram um debate. Em 1975, Jacques Léonard escreveu uma resenha crítica de *Surveiller et punir*, com o título de *L'historien et le philosophe – A propos de: Surveiller et punir: naissance de la prison*, que teve sua resposta no artigo de Michel Foucault chamado *La poussière et le nuage*, em 1976. Chama a atenção o fato de, por mais polemista que tenha sido seu percurso intelectual, Foucault dar voz a um então desconhecido do grande público e mesmo de historiadores que não estavam acompanhando os debates específicos da história social da medicina francesa. Mesmo não tendo sido a primeira vez que, ao longo de suas reflexões, Foucault tenha dado voz a um outsider intelectual, pois já o fizera, por exemplo, com o filósofo utilitarista Jeremy Bentham, escolher debater com Jacques Léonard parece não ter sido um ato impensado. Além disso, esse debate termina por se desdobrar em uma reflexão de Foucault sobre uma determinada forma de pensar a história, que não havia sido feita antes, nem foi feita depois.

O debate estabelecido entre Michel Foucault e Jacques Léonard pode ser entendido como um momento em que determinados enunciados sobre a história estavam em disputa buscando constatar suas validades ou não, ou seja, nesse debate o que estava, em certo sentido, sendo debatido, eram as formas de se fazer e pensar história e as suas implicações. Essas argumentações podem ser entendidas como construções de estratégias teóricas sobre como lidar com o passado, fazendo também parte da aceitação desse, seja entre os próprios pares, seja entre o público mais amplo.

O texto resposta de Foucault, *La poussière et le nuage* (A poeira e a nuvem) é conhecido e foi amplamente traduzido, além de constar em muitas coleções, sendo a mais relevante delas a coletânea *Dits et Écrits*, de 1994. Em contrapartida, o texto de Jacques Léonard só pode ser encontrado em francês, tendo sido publicado como artigo da revista *Annales historiques de la Révolution Française*, no nº 228, Julho-Setembro de 1977, ou no livro organizado por Michelle Perrot, *L'Impossible Prison: Recherches sur le Système Pénitentiare au XIXe siècle*, publicado em 1980. Nessa publicação constam ainda o texto de Foucault – *La poussière et le nuage* – e um desdobramento desse debate numa transcrição de uma *Table ronde du 20 mai 1978*. Essa transcrição também está disponível na coletânea *Dits et Écrits* e foi igualmente traduzida, porém não será o foco dessa investigação, que se concentrará apenas nos dois textos para melhor aprofundá-los.

O debate entre Jacques Léonard e Michel Foucault tem muitas relações possíveis de serem feitas e aqui apenas algumas delas serão ensaiadas, sendo apresentado, principalmente, no seu enredamento com as reflexões sobre o historiar dos dois intelectuais. Pois, após esse momento, Foucault não retoma mais tão profundamente essas reflexões, tanto por questões metodológicas, pois suas pesquisas se voltam para uma temática distinta da abordada em *Surveiller et punir*, como também por ele não se propor pensar uma analítica histórica tal como foi feito. Cabe mencionar que aqui se tem como proposta entender os escritos de Michel Foucault como estratégias teóricas específicas para cada um dos seus trabalhos.

Na abertura do texto, Léonard comenta que não é a primeira vez que Foucault "*projeta luz nova e poderosa sobre um recanto negligenciado da história*",[2] e realiza um recorte nas obras de Foucault que cobririam esse espaço negligenciado. Ele cita como exemplo dessa história farol, que "lança luz poderosa", os livros *História da Loucura* de 1961 e *Nascimento da Clínica* de 1963, que trataram desses "recantos negligenciados". Essas obras, além de

[2] LÉONARD, Jacques. L'historien et le philosophe – A propos de: Surveiller et punir: naissance de la prison. In: PERROT, Michelle. **L'impossible prison: Recherches sur le système pénitentiaire au XIX^{e} siècle**. Paris: SEUIL, 1980. p. 9.

apresentarem maior proximidade temática com a produção de Léonard, também apresentam uma forma de pensar a história distinta dos dois livros seguintes, *As palavras e as coisas* de 1966 e *A arqueologia do saber* de 1969.

A construção argumentativa se deu também no sentido de perceber a qual historiador cabe esse tipo de "história farol" ou ainda, qual parte da "história farol" cabe ao historiador? A visão de historiador a ser construída por Léonard tem uma interlocução com as produções de Foucault, nas quais essa questão não foi abordada. Essa visão poderia ser considerada uma espinhosa discussão de Foucault com uma determinada forma de historiar mais próxima das reflexões marxistas. Sobretudo nos embates com Jean-Paul Sartre, todas as questões ontológicas que problematizaram as relações de transcendência num modelo de história universal, teleológico, dialético e por consequência com um juízo sintético de explicação, parecem não terem sido levadas em consideração. Também nesses aspectos, *Vigiar e punir* parece ter sido um livro desconsertante, sendo retomado mais adiante no texto de Léonard, bem como aqui nesse trabalho.

Argumentativamente, a escolha do texto de Léonard se deu por uma dualidade entre o historiador e o filósofo, uma espécie de jogral entre o filósofo da "*desrazão nietzschiana e do desejo individual*" em anteposição aos historiadores "*os artesãos carentes do trabalho histórico*"; da "*alegria de denunciar tudo o que mutila a vida*" em oposição à "*serenidade dialética da compreensão e da recuperação*"; do "*saber alegre*" contrário ao "*saber triste*"[3]. Essa dicotomia construída entre o historiador e o filósofo serve também a Léonard para descrever Foucault como alguém que pode colocar armadilhas em sua escrita. Pois ele construiria "*belas 'ficções' destinadas a servir um outro projeto, quando ingenuamente os servidores da Clio única pretendem reconstituir a 'realidade objetiva' do passado.*"[4]

Léonard entende os historiadores como pesquisadores destinados à construção da "realidade objetiva" do passado, enquanto que Foucault seria um filósofo construtor de "belas ficções" que, assim como o canto das sereias em Ulisses, engana e controla os que o ouvem. Ao historiador construído por Léonard cabe apenas seguir em sua "ingenuidade metodológica", enquanto que aos filósofos cabe a possibilidade de pensar e interpretar o passado. Ele diz ainda que "*seria necessário um pelotão de historiadores competentes para descascar a soma das interpretações que nos oferece o autor.*"[5] Aos historiadores a "árdua" e

[3] Idem.
[4] Ibidem. 9-10.
[5] Ibidem. 10.

"científica" tarefa de "descascar as interpretações", aos filósofos a possibilidade de interpretar o passado e pensar sobre ele. Para o historiador de Léonard,

> É necessário, para ser competente, ter respirado longamente a poeira dos manuscritos, envelhecidos nos depósitos dos arquivos departamentais, ter disputado com os ratos os tesouros dos sótãos da reitoria. Não é pura maldade: o historiador de ofício se desdobra entre o século XX onde ele se contenta em existir e aquele onde ele vive, por procuração, longas horas meditativas que acabam por lhe dar um conhecimento íntimo e intuitivo. A certos deslizes, a certos sarcasmos mal contidos, ele percebe que Foucault não *sente*, *por dentro*, todas as realidades do passado.[6]

Esse historiador que percebe "por dentro" a realidade do passado, que "sente" o passado em sua inteireza, renega o trabalho de Foucault por não reconhecer em seus escritos essa migração entre a contemporaneidade, onde vive, e o século de seus objetos de estudo. Uma visão muito específica de historiador é construída, assim como a visão elaborada sobre o filósofo, e com isso é possível ver como esse historiador ficou incomodado com os procedimentos diferentes adotados pelo filósofo.

Na leitura de Léonard, esse historiador apontaria problemas em três pontos nodais em *Vigiar e punir*: o primeiro diz respeito à forma como Foucault lida com sua divisão temporal e por consequência à rapidez da análise realizada. Para Léonard, Foucault "*percorre três séculos a rédea solta, como um cavaleiro bárbaro. Ele queima estepe sem precaução. O historiador não tem o direito de economizar nas verificações sociológicas e cronologias.*"[7] Foucault é visto como um ensaísta que ora pôde ser sintético, ora pôde ser hipotético, ora pôde se arriscar. Na perspectiva de Léonard, em nenhuma das ocasiões esse seria o posicionamento de um historiador, que estaria longe do gênero ensaístico.

Para Léonard, esta forma de lidar com o recorte temporal colocaria em xeque as especificidades dos fatos e não daria conta das mudanças intrínsecas a estes, pois o que se constitui como um fato histórico é, também, aquilo que lhe torna único e desencadeador de situações outras. O hipotético historiador de Léonard, ao que parece, tem grande preocupação com os temas econômicos, políticos e sociais. Mas também, com as lacunas oriundas de uma forma de pensar o passado que não tenha como mote pretensamente correto o remonte dialético-causal, sobretudo ligado ao tipo de marxismo produzido na França. Essa noção de marxismo francês não é necessariamente uma generalização do marxismo ou do pensamento

---

[6] Ibidem.
[7] Ibidem. p. 11.

francês, mas sim o indício de alguns argumentos que são tomados como naturalmente aceitos e que podem ser percebidos quando observados com lupa em um debate teórico.

Na argumentação, há um reforço na ideia de como deve se comportar um historiador, pois dentre outras coisas, ele deve desenvolver um raciocínio dialético que ligue a consolidação das instituições com o racionalismo da burguesia ascendente:

> Nessas condições, compreende-se que M. Foucault não poderia imputar somente ao racionalismo burguês a responsabilidade das disciplinas que se instauraram nos séculos XVIII e XIX. De uma parte e de outra da Revolução, o burguês nacionalista, ao mesmo tempo razoável e argumentador, joga nos dois sentidos: calculador, ele deseja, nas fábricas e nas casernas, por exemplo uma ordem eficaz; lançador, ele se opõe, em outros lugares, ao clericalismo. Quando ele luta contra "os vestígios do feudalismo", contra o reino dos privilégios e das excomunhões, dos padres e dos castelãos, esse burguês liberal e progressista avança para o futuro de maneira conservadora, e não tem a impressão, optando pelo bem-estar físico, pelos de "Baixo", pela Ciência e pela Democracia, de elaborar uma sociedade de condicionamento opressivo e envergonhado. Hugo e Gambetta, trabalhando contra as Bastilhas, não trabalham para um Gulag, as luzes possuem suas sombras, como os historiadores já explicaram, mas não se pode deixar levar pelo obscurantismo.[8]

O que é criticável no livro passa por uma determinada visão da história que não necessita de explicações, ou seja, por uma forma de historiar que não faz das condições de emergência de um problema, as causas que se encadeiam numa explicação histórica.

A segunda questão levantada é uma derivação dessa forma de lidar com o recorte temporal. Léonard coloca em anteposição à normalização maciça a poeira dos fatos, a forma de Foucault fazer história não dá conta da poeira dos fatos, como o faz a história dos historiadores dos "pequenos fatos verdadeiros". Ao invés disso, Foucault trataria de grandes ideias vagas:

> Poder-se-ia continuar assim por muito tempo, levantando a poeira dos fatos concretos, contra a tese da normatização massiva. O próprio símbolo do panóptico, monumento racional e instrumento de monitoramento, mereceria outras atenuações.[9]

A nuvem dos acontecimentos não permitiria uma exata separação entre a descrição de um fato ou a evidência do desdobramento dele, o que põe em dúvida as conclusões a que se pode chegar ao levar a cabo o projeto.

8 Ibidem. p. 13-14.
9 Ibidem. p. 13.

A "poeira dos fatos verdadeiros" como elemento validador de um tipo de procedimento histórico deve se antepor à "normalização maciça"? Essa questão pode ser trabalhada como uma relação distinta da pretendida? Os historiadores só podem exercer seu ofício sobre "os fatos verdadeiros"? Historiar um problema que requer reflexão é uma postura que pertence apenas aos filósofos? Essas perguntas ajudam a deslocar o ângulo de visão para entender quais poderiam ter sido as preocupações de Léonard ao analisar o trabalho de Foucault. O argumento é de que o "filósofo" Foucault não teria conseguido perceber que os "historiadores" não refletem sobre uma temporalidade, pois esta está num campo que não é o da história, mas sim da filosofia.

O terceiro equívoco que Foucault teria cometido em *Vigiar e punir* está relacionado ao vocabulário utilizado como uma forma de indeterminação, a partir do qual fica mais visível o desconforto de Léonard com relação à forma foucaultiana de pensar o passado.

> Vejamos a crítica mais séria, relativa ao método empregado pelo autor: não se sabe muito bem se M. Foucault descreve uma maquinaria ou se ele denuncia uma maquinação. Observa-se que ele faz um uso enorme e significativo de verbos pronominais ou reflexivos, do pronome pessoal "on", e de torções que escamoteiam as dificuldades: "aparece como", "funciona como", "como se"… Ele se faz demorar sobre as palavras-chaves: "poder", "estratégia", "tática", "técnica", por vezes especificadas por um adjetivo; mas não se sabe quais são os autores: poder de quem? Estratégia de quem?[10]

O "método empregado pelo autor" é confuso na exata medida em que não oferece aos que o leem uma origem, um ponto inicial, uma explicação das causas das coisas. A história de Léonard tem de ser originária, pois ao historiador não cabe titubear diante dos fatos e estes devem ser marcos fundadores. As indeterminações cabem aos filósofos que podem admitir os verbos reflexivos. Os "verbos pronominais ou reflexivos", acompanhados de "indeterminações" e "adjetivações", regem um método que não é o dos historiadores, pois eles fazem com que a análise fique flutuante. Os historiadores de Léonard não podem ter oscilações sobre as certezas do passado e o direcionamento do poder. O que faz com que a história escrita por Foucault seja "flutuante" é perceber que pode haver uma "maquinaria sem maquinista" ao se referir como ele lida com o *Panopticon*. Porém, não se estaria, como antes, requerendo-se uma forma de história do poder da "superestrutura", do "aparelho estatal", do vetor opressor-oprimido? Ainda poderia se perguntar: que modelo de "flutuação" é esse?

[10] Ibidem. p. 14. Escolheu-se manter o pronome pessoal "on" como no original em francês, por indicar indeterminação de sujeito e por não haver correspondente direto em português.

Elaborar um modelo de investigação histórica em que a reflexão sobre o passado leve em consideração a indeterminação dos acontecimentos invalidaria a pesquisa?
Léonard continua sua argumentação tentando de alguma forma minimizar essa flutuação de Foucault. Em seguida reconhece que Foucault pode gerar mal estar em muitos historiadores, porém é alguém a ser escutado e respeitado pelos historiadores.

> Ele tem o cuidado da nuança, no sentido da construção, o dom da evocação. Levando-se em conta as conjunturas e da cor local, ele utiliza habilmente documentos que não são sempre de "grandes textos", mais de fontes humildes, as vezes manuscritos, frequentemente minuciosos.[11]

Porém, todo esse cuidado no estilo pode levar a uma sedução através de um agenciamento literário:

> Foucault sobressai tanto no concreto quanto na teoria; ele apresenta seus excessos abstratos com tanta força, que se lhe dá razão sem tomar o cuidado de inventariar "a realidade das coisas"; o verossimilhante – agenciamento literário – pode no limite superar o verídico – ascese científico. Se ele se aventura ir muito longe, sua audácia é sempre sedutora.[12]

Mesmo sem ser nomeado, o antagonismo entre o filósofo e o historiador persiste. Foucault, ao apresentar "excessos abstratos", ganha em convencimento, mas parece perder em "realidade das coisas". O historiador não deve lhe dar total razão sob pena de perder o verídico de sua investigação. Ainda assim,

> A riqueza do livro provém também de descobertas laterais que não são exploradas a fundo, como se o autor nos sugerisse, nas entrelinhas, o tema de outras pesquisas. (...) Foucault explicitamente dá aos historiadores ideias de trabalho de pesquisa a empreender.[13]

Contudo, o pensador que contribui para o trabalho dos historiadores é também o que investiga a dialética do poder e do saber,[14] pois investiga o exame que sanciona e hierarquiza, suas origens religiosas, sua função pedagógica, sua eficácia em distribuir privilégios.

Há uma imagem do historiar foucaultiano reconhecidamente nietzschiana que Léonard percebe, mas logo em seguida é aproximada do marxismo:

> Mesmo se latente nele o fogo nietzschiano, ele desenvolve uma maestria dialética que lhe faz transcender os esquemas explicativos habituais. *Como*

[11] Ibidem. p. 17.
[12] Ibidem.
[13] Ibidem.
[14] Ibidem.

> *os marxistas*, ele compreende que, para descobrir os segredos de uma sociedade, é melhor se colocar ao lado de suas vítimas. Mais, recusando privilegiar as forças econômicas, ele reabilita o outro elemento do materialismo, o corpo; não considerando a ideologia como uma superestrutura ele a vê em todos os níveis; no corpo, se abole a oposição muito cômoda do alto e do baixo, e se trocam os bons e maus procedimentos do poder e do saber. *Como os estruturalistas*, ele estima que mecanismos os quais os homens não têm consciência organizam suas relações *sem eles o saberem*; mas ele não se deixa enganar por essa inocência, e ele sabe valorizar constantemente as inovações, a dimensão temporal, a gênese, ou "genealogia". [15]

O Foucault que interessa aos historiadores é o que pode dialoga com os marxistas, muito parecido com o dos trabalhos anteriores (*História da loucura*, *Nascimento da clínica*). Numa outra passagem da argumentação, ao tratar do poder, Léonard comenta a distinção entre suas reflexões e as Foucault:

> A reflexão de Foucault sobre o poder não é evidentemente um simples retorno às concepções anteriores. Ela é um aprofundamento: o poder, no singular, aquele do Estado, aquele que certos marxismos reduzem a uma superestrutura de um modo de produção, aquele que se expressa na Lei, a Ideologia, e por vezes a repressão, se acha *relativizada*, colocada em *relações* por Foucault com outros poderes, no plural, e acompanhado de um genitivo (poder do patrão, do pai de família, do mestre-escola, etc.). Onde lemos "poder", podemos então entender também "autoridade", "ordem", "disciplina", "adestramento", "organização", ou simplesmente "influência", ou seja, é necessário considerar a pluralidade dessas instâncias, suas contradições eventuais, seus rangidos desordenados. Não há *uma* Ordem estabelecida, mas micro-poderes que possuem sua própria conjuntura.[16]

Há um reconhecimento da natureza distinta das reflexões propostas, mas esta diferença é colocada em distanciamento ao que um historiador deveria fazer. A imagem do filósofo volta a ser associada à reflexão, enquanto a dos historiadores é associada a "certos marxismos".

A parte do trabalho de Foucault que foi elogiada é a que pôde ser aproximada ao marxismo pois, segundo Léonard, ao se tratar da disciplina em *Vigiar e punir*, as análises ficam "*marcadas por um espírito de síntese que lembra alguns textos de Marx.*"[17] A chave de leitura proposta é perceber que:

> Acumulação de capital e aparecimento de fábricas: *a disciplina, ou a busca pelo lucro*. Acumulação dos homens e dificuldade de gerir suas necessidades e suas turbulências: *a disciplina ou a administração das multidões*.

[15] Ibidem. p. 19.
[16] Ibidem. p. 23-24.
[17] Ibidem. p. 25.

> Excelente dialético, Foucault lida com todos os fatores. Disciplinar e produzir mais e melhor, tudo isso é um. A ordem é um meio para fazer trabalhar, e o trabalho é um meio de trazer a ordem. A organização controlada, programada, progressiva, aplicável a diferentes domínios, confere a essas atividades a eficácia – como no caso: militar, industrial, pedagógica... O local de aplicação desse trabalho ajustado é o corpo humano, tornado rentável e maleável (p. 164-169): a *ordem* transforma tecnicamente e mentalmente o indivíduo.[18]

Na visão de Léonard, a disciplina é a representação arquetípica do materialismo dialético foucaultiano, onde a acumulação do capital foi a base necessária para tornar possível todo um exercício disciplinar.

Na ultima parte do texto, Léonard afirma:

> Há mais de uma família na tribo de Clio. A originalidade de Foucault consiste em recusar o viés hegeliano e totalizador a todo preço, que integra os contrários e justifica positivamente tudo o que chegou aos nossos dias. Se ele prefere a noção, estranha ao primeiro enfoque, de "*genealogia*", então que ele saiba fazer prova da virtuosidade dialética, é sem dúvida para designar a abordagem oposta, aquela que desmascara sem complacência a origem dissimulada do poder, que denuncia sua tendência fatal à barbárie, e que serve a uma revolta.[19]

A filosofia de Foucault antes remetida a um tipo de estruturalismo "tardio", e talvez o ponto mais criticável para Léonard, a "genealogia" confundida como "gênese" ou "dimensão temporal", foram retomadas nessa passagem com uma lucidez antes não vista. Ele afirma que o filósofo Foucault não é marxista. O hipotético historiador elogiável é o marxista. O lugar que essa noção de "filósofo" ocupa é no desenvolvimento da reflexão sobre os acontecimentos. Foucault é lido como alguém que trata de questões que os historiadores lidam, mas como um não-historiador.

A despeito de todos os apontamentos citados, vale ressaltar, que mesmo tendo feito a distinção entre historiador e filósofo, colocando Foucault como um e em outras vezes identificando-o como outro, Léonard reconhece e admira Foucault como historiador e afirma que: "*M. Foucault é ele mesmo um historiador, e um historiador incontestavelmente original que todos nós temos interesse em escutar.*"[20] Cabe agora "escutar" as respostas de Michel Foucault e tentar perceber para onde ele leva essa discussão.

---

[18] Ibidem.
[19] Ibidem. p. 26.
[20] Ibidem. p. 16.

Na resposta de Foucault, publicada em português como *A poeira e a nuvem,*[21] é possível fazer um trajeto similar ao realizado com o trabalho de Léonard, ou seja, perceber como seus argumentos apontam para questões além da resposta às proposições. Ele se propôs a responder, reconhecendo as bases argumentativas escolhidas por Léonard, e retomar a discussão sobre o antagonismo entre as noções do que é ser "historiador" e do que é ser "filósofo". Ele chama a atenção para o estereótipo construído por Léonard: historiador X filósofo, cavaleiro virtuoso da exatidão X doutor do conhecimento inesgotável, "*os pequenos fatos verdadeiros contra as grandes ideias vagas: a poeira desafiando a nuvem.*"[22]

Contudo, tenta se distanciar do que Léonard entende tanto por filósofo, quanto por historiador. Os procedimentos adotados por Foucault reconhecem um posicionamento que relaciona mais do que divide os dois saberes. A leitura de Léonard nessa argumentação levou Foucault a se posicionar e refletir sobre sua prática historiográfica. Esse é um dos poucos momentos no qual ele argumenta de maneira aprofundada sobre seu historiar. Na construção de sua resposta, ele reconhece três pontos que serviram de início para ponderações:

1) A diferença de procedimento entre a análise de um problema e o estudo de um período;
2) o uso do princípio de realidade em história;
3) a distinção a ser feita entre a tese e o objeto de uma análise.

Sobre a primeira, a forma de lidar com o período estudado, que levou Léonard a chamar Foucault de "cavaleiro bárbaro", tem-se uma resposta provocativa: "*Os especialistas de cada período, tal como crianças bochechudas que se acotovelam em torno de um bolo de aniversário, foram equitativamente tratados?*"[23] Para ele, esses questionamentos sobre a periodização são equivocados, pois seu intuito é estudar um problema, e ao estudá-lo se tem uma configuração diferente.

Investigar um problema é tomar por objeto uma aclimatação de um mecanismo punitivo, num novo regime penal, é interessar-se por como, num dado momento, esse mecanismo emergiu dentre a rede de possibilidades, na qual ele estava inserido. Estabeleceu um recorte temporal que foi dado pela análise, e não por uma delimitação prévia, que pode ter sido visto como uma inversão na forma habitual realizada pelos historiadores de então. Os limites analíticos estariam umbilicalmente relacionados ao que foi possível pensar em uma dada temporalidade sobre o encarceramento. Foucault estabeleceu para si uma forma de

[21] FOUCAULT, Michel. A poeira e a nuvem. In: **Ditos & escritos IV**. 2003. p. 323-334.
[22] Idem. p. 323-324.
[23] Ibidem. p. 325.

historiar, a partir da qual seu *modus operandi* levou ao desconserto, mas que também se relacionou com uma série de outros debates do sentido dado à história de então.

Para Foucault existe um descompasso entre a sua forma de historiar, investigar um problema, e o que Léonard presume que seja o feito por ele, o estudo de um período. Ao tomar como objeto um problema, procedimento mais comum na filosofia, passa-se a investigar com regras de análises que não estão no cânone do historiador, tal como proposto por Léonard.

> Para quem, de fato, gostaria de estudar um *período*, ou ao menos uma instituição durante um dado período, duas regras entre outras se imporiam: tratamento exaustivo de todo o material e equitativa repartição cronológica do exame. Quem, em contrapartida, quer tratar de um *problema*, surgido em um dado momento, deve seguir outras regras: escolha do material em função dos dados do problema; focalização da análise sobre os elementos suscetíveis de resolvê-lo; estabelecimento das relações que permitem essa solução. E, portanto, indiferença para com a obrigação de tudo dizer, mesmo para satisfazer o júri dos especialistas convocados. [...] Só se podem denunciar as "ausências" em uma análise quando se compreendeu o princípio das presenças que nela figuram.[24]

O historiador de Léonard denuncia lacunas no trabalho que não foram propostas como objeto, por partirem de uma premissa diferente e por não perceber no trabalho uma investigação de períodos. As formas de historiar de Léonard e de Foucault se diferenciam, não por serem concepções provenientes de um historiador e de um filósofo, mas por apresentarem posturas teóricas distintas.

A postura teórica que Foucault realizou se dedicou a tomar um problema, mais comum de ser tratado nas investigações realizadas na filosofia, como objeto de investigação histórica. Essa postura possibilita outro tipo de análise, ela não obtém os mesmos resultados de quando se investiga um objeto dividido em períodos. Ao se ter como objeto um problema se fez necessário o reestabelecimento de uma condição de reflexão ativa ao objeto. Nesse sentido, Foucault rompe com a dualidade arquetípica proposta por Léonard e tenta problematizar os fazeres do historiador e do filósofo, afirmando que:

> A diferença, o Sr. Léonard bem observou, não está entre duas profissões, uma voltada às tarefas sóbrias da exatidão e a outra à grande confusão das ideias aproximativas. Mais do que fazer representar pela milionésima vez esse estereótipo, não vale mais a pena debater sobre as modalidades, os limites e as exigências próprias às duas maneiras de fazer?[25]

[24] Ibidem. p. 326-327.
[25] Ibidem. p. 327.

Aí se tem uma guinada na temática tratada, pois o texto deixa de ser uma discussão sobre *Vigiar e punir* e passa a ser um debate sobre as modalidades, os limites e as exigências do historiar. Nesse ponto, debater as questões levantadas por Léonard sobre o livro foram o pretexto para também debater sobre o historiar. A escolha de Foucault em responder a Léonard, e não a outros críticos, pode ser entendida também por essa noção, pois as escolhas argumentativas do texto de Léonard permitiram que a discussão tomasse um rumo mais amplo sobre a história. As respostas que se seguem já têm uma diferença em suas assertivas. Responder a Léonard passou a ser o ato de problematizar o historiar.

Sobre o segundo ponto, o princípio da realidade histórica, Foucault responde afirmando que a investigação da "razão punitiva" como parte da história tenta responder a que condições de possibilidades tornaram possível emergir uma reforma do sistema penal, dita humanista, mas que retoma uma prática antiga de internamento. Para ele, houve um erro de leitura, suas pesquisas estão voltadas para outras preocupações e respondem a outra ordem de exigências. As suas perguntas eram: a qual cálculo o princípio do encarceramento penal obedecia? O que se esperava dele? Sobre quais modelos se apoiava? A que forma de pensamento a razão punitiva estava referida?[26]

O deslocamento para uma análise histórica da razão punitiva possibilita a constituição de um quadro analítico, no qual é possível fixar os pontos de ancoragem de uma determinada estratégia, que é percebida por Foucault como mais significativa do que dar conta de todas as informações sobre delinquência. Uma investigação histórica que leve em conta o cálculo da razão punitiva pode ser considerado incomum, mas não a torna mais ou menos legítima diante de uma baliza historiográfica. A argumentação foucaultiana perpassa por problemáticas que Léonard leu como filosóficas, mas que concomitantemente entendeu ser necessário serem entendidas por se tratar, entre outras coisas, de questões de um historiador.

Foucault toma o princípio da realidade estabelecido por Léonard como algo a ser desmistificado nessa argumentação, pois:

> Um tipo de racionalidade, uma maneira de pensar, um programa, uma técnica, um conjunto de esforços racionais e coordenados, objetivos definidos e perseguidos, instrumentos para alcançá-los etc., tudo isso é algo do real, mesmo se isso não pretende ser a própria "realidade", nem "a" sociedade inteira. E a gênese dessa realidade, do momento em que nela fazemos intervir os elementos pertinentes, é perfeitamente legítima. É o que o historiador encenado pelo Sr. Léonard não *entende*, no sentido estrito do

[26] Ibidem. p. 328.

> termo. Para ele, só há uma realidade que é, ao mesmo tempo, "a" realidade e "a" sociedade.[27]

A realidade histórica está em debate. Para Foucault, ela não pode ser uma exclusividade, mas sim uma multiplicidade constituída por vários componentes que não devem ser apressados em nome de uma "realidade" única. A proposição é reconhecer que o real tal como construído por historiadores tem múltiplas variáveis, que nenhuma delas é em si "o" real, mas a junção delas.

Sobre o terceiro ponto, ou seja, a distinção entre o objeto de uma análise e a sua tese, Foucault afirma que o historiador proposto por Léonard cometeu dois equívocos: um referente à leitura do texto e outro ao sentido das palavras. O equívoco na leitura de Léonard diz respeito à crítica na utilização de verbos no infinitivo para descrever os projetos dos reformadores, pois daria anonimato aos procedimentos utilizados na reforma, construindo assim uma maquinaria sem maquinista. Porém, Foucault argumenta que descreve detalhadamente em 25 páginas esses reformadores e suas autorias.[28] O segundo equívoco de leitura seria o sentido das palavras. A palavra que Foucault toma como exemplo é "estratégia", pois Léonard critica como o livro quebra com a explicação de "um ponto de origem único", servindo com isso a "muitos interesses". Foucault ironiza indagando: "*será que se imagina uma estratégia que não seja justamente* essa*?*"[29] Para ele, a proposta é deliberadamente essa, ou seja, historiar uma racionalidade punitiva que não tem um ponto único de origem e que serve a muitos interesses, a sua história não é a que busca produzir sínteses, suas flexões produzem um outro tipo de saber que permitem pensar diferentemente o que se havia pensado.

Em seguida, ele aponta como Léonard confundiu o sentido de suas palavras ao não compreender a diferença entre a tese do livro e o seu objeto. Ele aponta que a tese central do livro é a maneira como se pretendeu racionalizar o poder através de uma "economia" da vigilância. Diferentemente do que os argumentos de Léonard propuseram, Foucault responde que não é a automaticidade do poder, nem a mecânica vista nos dispositivos disciplinares a sua tese. Estes foram o seu objeto. [30] A preocupação é investigar o "crescimento" de certas formas de saber, sobretudo nas ciências humanas, mas também em como o poder tornou possível estas formas de saber. Distanciando-se de uma "dialética" entre o poder e saber,

---

[27] Ibidem. p. 329.
[28] Ibidem. p. 331.
[29] Ibidem.
[30] Ibidem. p. 332.

Foucault investigou as relações entre uma tecnologia punitiva e a genealogia dos saberes que o viabilizaram.

Na parte final da argumentação, Foucault demarca um distanciamento em relação a outros historiadores ou o historiador hipotético. As noções de estratégia, tática e exame, são, segundo a sua visão, o que o diferencia do historiador proposto por Léonard.[31] Contudo, não o colocam como um filósofo, mas poderiam o identificar como um historiador com proposições diferentes das de então. Ele marca essa diferença no fim do texto afirmando que:

> O princípio de inteligibilidade das relações entre saber e poder passa mais pela análise das estratégias do que pela das ideologias. Sobre isso, devem-se ler as páginas de Paul Veyne. (*Como se escreve a história*) Parece-me que é essa noção e seu uso possível que poderiam permitir não um "encontro interdisciplinar" entre "historiadores" e "filósofos", mas um trabalho em comum de pessoas que buscam se "des-disciplinar".[32]

Há uma recusa em se "disciplinar" numa determinada área do saber, defendendo uma escrita que não seja "interdisciplinar", pois esta ainda está "disciplinada", mas propõe uma despreocupação com uma filiação compartimentada em áreas do saber.

Os questionamentos de Léonard e as respostas de Foucault são importantes porque dão uma dimensão de como o último foi lido entre os historiadores. Não por acaso, foram utilizadas as figuras do historiador e do filósofo, da poeira dos fatos e da nuvem dos acontecimentos. Dessa leitura, podem ser ressaltadas as críticas relacionadas às expectativas que Léonard tinha ao ver uma forma de historiar que não é de "história", mas produz um discurso historiográfico, como também uma percepção que os filósofos construíram por meio de alguns aspectos mais gerais e imateriais do tempo.

Foucault comentou que: "*não sou historiador no sentido estrito do termo; mas os historiadores e eu temos em comum um interesse pelo acontecimento.*"[33] Nessa outra forma de lidar com a história, a noção de acontecimento histórico tem outra dimensão, pois ela ajuda a pensar pela margem, permitindo pensar as bordas de um determinado tempo. Logo, a ideia de necessidade histórica desaparece, assim como a causalidade. A história seria uma investigação acontecimental [*événementielle*], sendo o acontecimento entendido "como irrupção de uma singularidade histórica".[34] É, portanto, necessário acontecimentalizar a história de maneira genealógica. Daí um distanciamento de uma analítica que requer ao

---

[31] Ibidem.
[32] Ibidem. p. 334.
[33] FOUCAULT, Michel. Diálogos sobre o poder. In: **Ditos & escritos IV**. 2003. p. 257.
[34] REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. 2005. p. 14.

historiador origens, há uma oposição entre o acontecimento que encadeia os fatos históricos, numa abordagem mais tradicional e um acontecimento que relaciona espaços de dispersão. Essa concepção tem levado a grandes debates e aprofundamentos.

O pensamento genealógico, reconhecido como "latência nietzschiana", pode ser mais do que isso. Para além dessa ideia, também é plausível aventar a possibilidade de Foucault estar imerso na discussão sobre dialética, ou seja, em como pensar a história com a genealogia possibilita vislumbrar procedimentos não causais para explicar o passado. Mas não só isso, permite uma história que se pretende não teleológica, não sintética e provavelmente desconsertante. Longe de perceber o saber histórico como menor ou menos válido argumentativamente, essa proposta foucaultiana parece propor um saber "des-disciplinar" rico em potencialidades metodológicas e com a possibilidade de ampliação de suas práticas. O saber histórico encontraria nessa discussão outra possibilidade, que para um dado modelo de história produzido nesse período de reflexão sobre as condições de produção de crise, na década de 1970 na França, amplia suas investigações.

Esse debate, para além de pretender estabelecer uma verdade hegemônica, ajuda a compreender como há mais de 40 anos, o aprofundamento sobre a produção do saber histórico, tem tratado de questões específicas, mudanças na sua escrita e reflexões sobre seu metiê. Perceber esse aprofundamento do saber histórico, não é entendê-lo como progressivo e desenvolvimentista, mas sim, reconhecer que há um amplo leque de discussões que problematização e repensam a história como um todo. Numa analogia aligeirada, não reconhecer essas mudanças seria o mesmo que requerer dos programadores dos primeiros computadores da década de 1970, que continuassem a utilizar as mesmas linguagens de programação nos tempos atuais. Mesmo que as linguagens ainda sejam capazes de produzir programas, elas não dão mais conta de desenvolver os tipos de demandas necessárias a programação atual. Curiosamente parece ser plausível para alguns produtores de conteúdos atuais, lidarem com saberes históricos produzidos no final do século XIX ou mesmo na segunda metade do século XX, sem qualquer tipo de preocupação com as demandas atuais das reflexões sobre a história. Cabe agora perceber com alguns exemplos de como isso acontece no Brasil e que possíveis relações podem ser feitas ao se lidar com saber histórico dessa maneira.

***

No Brasil, é possível perceber um crescente número de publicações voltadas à divulgação histórica, das mais diversas ordens, desde "guias politicamente incorretos" até

livros de romance histórico. Mas não é só nos meios de divulgação impresso que o saber histórico tem sido sistematicamente tratado. Tratamento este que se pretendendo inovador e recebendo uma suposta nova roupagem, se coloca como novidade; tudo isso, para tentar se diferenciar de uma dita história tradicional. A ideia é perceber essa forma de produção histórica em produtores de conteúdo digital que estão simultaneamente em diversas plataformas, seja como página na web, seja como podcasts, seja como canal no Youtube.

Os produtores de conteúdo digital geralmente tratam de temas variados, o foco que foi abordado foram os voltados para aquilo que se autoproclama de cultura pop, versando sobre assuntos como cinema, literatura, séries de Tv, *games*, quadrinhos, jogos de Role-playing-game (RPG), ou qualquer coisa associada ao mundo *nerd*.[35] O desconserto que pretendemos pensar com a história aqui é fazer um mapeamento localizando um exemplo de como esses produtores de conteúdo digital têm reiterado, em certa medida, um descrédito em relação a um tipo de saber histórico e na maioria das vezes se colocando como uma oposição aos locais de produção antes privilegiados para esse saber.

Trata-se de tentar perceber como esse deslocamento realizado pelos produtores de conteúdo digital, que se pretendem inovadores, pode ser entendido como uma retomada de um saber histórico tradicional do final do século XIX e amplamente revestido de uma postura neopositivista. Essa postura para além de negar as discussões mais contemporâneas sobre o saber histórico, também legitimam uma determinada prática discursiva que iguala os locais de produção desse saber e desconsidera possíveis especificidades no seu trato.

Um exemplo é o *Jovem Nerd*, que começou como um blog de humor e notícias em 2002, idealizado por Alexandre Ottoni de Menezes e Deive Pazos, abordando temas como cinema, séries de televisão, ficção-científica, quadrinhos, Role-playing-game (RPG) e viagens. A escolha deles como exemplo se deve ao seu alcance, pois produzem conteúdo para diversos meios que incluem podcast, canais no Youtube, um selo para publicação de livros, um portal de notícias ligadas a entretenimento, um aplicativo para *smartphones*, além do site que continua ativo. Os números atuais são de 10 milhões de visualizações por mês no site, 3 milhões de usuários únicos, mais de 2 milhões de assinantes no YouTube e 1,5 milhão de ouvintes no NerdCast, com uma média de 800 mil downloads por mês.[36]

---

[35] Existem diversas acepções sobre o que poderia englobar essa ideia de "mundo nerd", será tomada aqui uma percepção básica de autodeterminação.
[36] Todas essas informações estão disponíveis no próprio site do Jovem Nerd (https://jovemnerd.com.br), assim como as informações de nos seus outros canais de comunicação no YouTube (https://www.youtube.com/channel/UCmEClzCBDx-vrt0GuSKBd9g) e Nerdcast (https://jovemnerd.com.br/nerdcast/).

Alexandre Ottoni e Deive Pazos tinham carreiras distintas quando resolveram se unir para lançar o Jovem Nerd. Alexandre era desenvolvedor *web* e Deive era gerente de uma rede de motéis. O Jovem Nerd começou dedicado apenas a "nerds" conhecidos dos criadores e, gradualmente, foi ganhando notoriedade. Já em 2009 o site era visitado mensalmente por meio milhão de usuários. Entre os produtos do site o que provavelmente pode ser apontado como seu crescimento é o NerdCast, um podcast que já está na sua edição nº 613.[37] Os temas do NerdCast são os mais variados, desde temáticas mais pessoais, como histórias dos próprios criadores, até programas patrocinados para se tratar de uma temática que mencione o produto patrocinador. Entre os mais baixados e com maior feedback estão os especiais de fim de ano que reproduzem uma partida de RPG com produção sonora, e os NerdCast de história, que trata desde temas mais amplos, como a II Guerra Mundial, até assuntos mais específicos como a dinastia Tudor na Inglaterra. Voltaremos a eles mais adiante.

Além dos "NerdCast", também foi criado o selo editorial NerdBooks, pensado para o lançamento do livro *A Batalha do Apocalipse*, do escritor Eduardo Spohr, que se tornou um sucesso de vendas.[38] Em 2011 o selo NerdBooks lançou o livro *Protocolo Bluehand: Alienígenas*, em 2012 publicou o livro *Protocolo Bluehand: Zumbis*, ambos com bom número de vendas, num dos outros braços do Jovem Nerd que é a *Nerdstore*.[39] Também em 2012 foi publicada a *Graphic Novel*, *Independência ou Mortos*, que versa sobre um ataque de zumbis se passando no Brasil durante o período da independência. Em 2013 foi lançado um livro ilustrado chamado *Crônicas de Ghanor*, que ilustra a saga de RPG criada num dos Nerdcast especiais de fim de ano. Em 2014 foi lançado o romance *A Lenda de Ruff Ghanor*, que trata do herói Ruff Ghanor que foi citado em uma saga de RPG criada também no Nercast.

Ainda em 2012, eles realizaram uma ampliação de mercado, uma produtora de vídeo chamada *Amazing Pixel*[40] foi reativada, e passou a agrupar canais no YouTube que pertencem aos produtores e agregando outros que passaram a ser supervisionados. O canal *Jovem Nerd* no YouTube conta com quatro atrações semanais o *NerdPlayer*, que produz conteúdo sobre games sendo jogados por Alexandre e Deive e é exibido nas segundas-feiras; nas terças-feiras são postados os vídeos do *Sr. K*, o apelido do projetista de produto Frederico Carstens, que trata sobre viagens do mesmo e respostas de perguntas. As quartas-feiras, o programa que é

---

[37] https://jovemnerd.com.br/nerdcast/ Acessado em 31/03/2018
[38] Em 2011, após ter vendido 100 mil exemplares pela Editora Record, Eduardo Spohr lança uma nova saga de livros, *Filhos do Éden - Herdeiros de Atlântida*, um novo livro ambientado no universo ficcional de *A Batalha do Apocalipse* e em 2013 ele lança o segundo volume de Filhos do Éden, *Anjos da Morte*.
[39] loja virtual que além das produções do selo NerdBooks, vende os mais diversos artigos que vão desde camisetas e canecas até artigos ligados à cultura pop.
[40] https://www.youtube.com/user/amazingpixel/channels

disponibilizado é o *NerdOffice*, que abrange o cotidiano nerd, cinema, quadrinhos e os eventos nerds. As sextas-feiras é colocado no canal o *Nerdcast Stories*, que conta em animação as histórias já contadas em NerdCasts.

Em 2013 a *Amazing Pixel*, cria e produz um novo canal no YouTube, o *Nerdologia*, que era um quadro no NerdOffice. O *Nerdologia* tem pouco mais de 2.000.000 inscritos e conta com duas atrações: uma que é disponibilizada às terças-feiras que trata de especificamente sobre história, apresentada pelo historiador Filipe Figueiredo; e a outra que é publicada às quintas-feiras e é apresentado pelo biólogo Átila Iamarino. Em ambas as atrações, a proposta é tratar o universo da ficção de um modo científico.[41] Além desse *spin-off*[42] do *NerdOffice*, outro canal que fez parte do grupo Amazing Pixel é o *A Maravilhosa Cozinha de Jack Tucano*[43] apresentado por Fernando Russell, que é publicitário e professor universitário e também ficou conhecido por suas participações nos NerdCasts com o pseudônimo de Tucano. O canal é voltado para culinária e tem 308.400 inscritos, mas chama atenção por também ser comandado por um participante do NerdCasts, assim como o Sr.K. O canal *Matando Robôs Gigantes*[44], com 254.754 inscritos também é produzido pela Amazing Pixel, com atrações segundas, quartas e sextas e tem seu perfil voltado para cinema, games, quadrinhos. A Amazing Pixel, além dos três canais já mencionados, administra outros 4 canais, com um número significativo de seguidores, são eles: o canal *ToroDeMiolo*[45] com 312.935 inscritos; o canal *Jacaré Banguela*[46] com 530.390 inscritos; o canal *nomegusta*[47] com 4.758.428 inscritos; e o canal *Canal Nostalgia*[48] com 10.831.217 inscritos. Em números totais, somando os sete canais administrados pela Amazing Pixel se tem mais de 20.000.000 de inscritos, mesmo levando em conta que esses inscritos se repitam, pois o mesmo usuário pode está inscrito nos 7 canais, ainda sim é plausível admitir o alcance do grupo.

Em uma pesquisa recente, realizada no segundo semestre de 2017, pelo Instituto Ipsos, Alexandre Ottoni, o jovem nerd, do grupo *Jovem Nerd* ficou em 5º colocado no ranking de mais influente no Brasil entre YouTubers e Bloggers.[49] Esse dado pode servir para entender a

---

[41] https://www.youtube.com/channel/UClu474HMt895mVxZdlIHXEA
[42] O termo em inglês é utilizado mais comumente para indicar que a obra é derivada ou a história derivada, pode ser empregado para programa de rádio, televisão, videogame ou qualquer obra narrativa. O *spin-off*, foi originado a partir de uma ou mais obras já existentes.
[43] https://www.youtube.com/user/cozinhadejack
[44] https://www.youtube.com/channel/UCO_Jxh3pRfrPROu-W83-iqQ
[45] https://www.youtube.com/channel/UCsae-BXj5swt6gq9LmOmhaQ
[46] https://www.youtube.com/channel/UCs5JNr8iY_xT3UH0hKcSXog
[47] https://www.youtube.com/channel/UCjN8PEcGmXzaS8ALAPA6RpQ
[48] https://www.youtube.com/channel/UCH2VZQBLFTOp6I_qgnBJCuQ
[49] https://jovemnerd.com.br/nerdbunker/o-jovem-nerd-e-um-dos-youtubers-mais-influentes-da-internet-brasileira-segundo-ipsos/

amplitude do alcance atingido por esse modelo de negócio. Nesse sentido, caberia retomar algumas questões sobre as utilizações da história feitas pelo *Jovem Nerd*, mais especificamente em duas de suas atrações: primeiro no Nerdcast, por um dos seus primeiros e mais duradouros programas e ter se mostrado como um ponto de começo para outras atrações e mesmo aquisições feitas pelo grupo; e em segundo lugar o *spin-off*, *Nerdologia* e mais especificamente seu programa dedicado à história e apresentado por Felipe Figueiredo.

Numa consulta na própria página do *Jovem Nerd*, é possível fazer uma busca direcionada por área nos Nerdcast, dentre elas está os de temática histórica. Podem ser encontrados 53 podcasts distribuídos em 5 páginas. Os temas são os mais diversos, desde Reforma protestante até Guerra das Malvinas, de Aníbal Barca até Santos Dumont, da Guerra das Duas Rosas até histórias do Brasil Império, todos eles compostos por um "time de especialistas", dentre os quais nenhum é especialista acadêmico na temática tratada. Eventualmente existe a participação de Filipe Figueiredo que se graduou na Universidade de São Paulo (USP) e se descreve como "interessado em política, atualidades, esportes, comida, música e Batman, com tendências groucho-marxistas"[50] Ainda assim, ele não tem a pretensão de se "rotular como historiador", mesmo assumindo esse papel nos programas em que participa.

Em outra busca por Filipe Figueiredo, tem-se a seguinte descrição:

> Por anos, me dediquei ao Concurso de Admissão à Carreira Diplomática, o que adiciona conhecimento em temas como Economia e Direito. Fluente em Inglês, incluindo trabalhos profissionais e corporativos com o idioma.[51]

Na sua experiência profissional se declara como "Blogueiro em Brasil Post, ligado ao Huffington Post e Editora Abril" desde 2015 e articulista de política internacional no site Opera Mundi desde 2014. Ele também é o fundador e responsável pelo blog Xadrez Verbal, assim como seu canal no Youtube e seu podcast desde 2013, mesmo ano que foi professor de História no Laboratório Adrian Steinway Chan. Em 2010 se candidatou à Admissão na Carreira Diplomática, e foi aluno do Curso Clio de 2010 a 2012, com foco em matérias como Política Internacional, Economia, Direito Internacional e Direito Constitucional. Também trabalhou como tradutor português-inglês/inglês-português e revisor *freelancer*, tradutor de textos corporativos, como o portfólio do aniversário de vinte anos da empresa Agecom,

[50] Essas informações se encontram disponíveis no site de autoria do próprio Filipe Figueiredo chamado *Xadrez Verbal* (https://xadrezverbal.com/sobre-o-autor/) Ainda segundo o site, que foi inaugurado em 2013 como um blog que não tem intenção outra além de servir como uma forma de publicar o que o autor escreve.
[51] Disponível em https://www.99freelas.com.br/user/FilipeFigueiredo acessado em 05/12/2017

tradutor e revisor de textos acadêmicos, jornalísticos e artísticos, como o livro Artesãos do Brasil da revista Casa Cláudia, Revista Mariner, Editora Tempo, portal de turismo da República Dominicana via Minaestrada Idiomas e AFT Comunicação, dentre outros desde 2008.

Filipe Figueiredo também é o responsável pelo semanal de história no Nerdologia, onde ganhou maior notoriedade entrando nesse canal algum tempo depois que o seu colega responsável pela parte de ciências, o biólogo Átila Iamarino. Átila, que diferentemente de Filipe, é doutor em microbiologia pela USP, tem um pós-doutorado pela USP/Yale University. Atualmente é pós-doutorando da USP e tem experiência na área de Microbiologia, com ênfase em Genética Molecular e de Microorganismos, atuando principalmente em evolução molecular.[52] Além da comparação mais imediata, os dois apresentam um programa de divulgação científica, sendo um voltado para o saber histórico e o outro para o saber científico, a discrepância curricular entre eles e suas respectivas áreas de saber é perceptível. Uma questão que poderia ser colocada é: por que para o saber dito "científico" é necessária uma pessoa com ampla formação institucional acadêmica e para o saber histórico não? Talvez seja possível problematizar o peso que esse lugar de fala (institucional e acadêmico) tem para as duas áreas.

Além disso, é possível problematizar boa parte dos posicionamentos do próprio Filipe Figueiredo nos seus programas, que sempre passam longe de qualquer discussão minimamente mais teórica ou mesmo mais próxima das análises mais acadêmicas. Sempre sobre o manto de um revisionismo e aproximação da divulgação, o que se tem é um retorno de velhos modelos, que em muito se aproximam de uma percepção do saber histórico mais comum ao proposto no século XVIII ou início do XIX, em que "documentos comprovam incontestavelmente" e que a história "reproduz a verdade dos fatos". Soma-se a isso uma imagem sempre recorrente de um saber histórico que se pretende novidadesco em anteposição ao que está sendo produzido nos centros de pesquisa. A oposição se dá entre a história chata e a história compreensível. Mas, essa "história compreensível" volta e meia é pega reproduzindo um modelo essencialista, no qual nomes de reis, rainhas, generais, comandantes, datas, locais, artefatos e curiosidades são um grande amontoado de informações sem maiores análises.

Esse modelo de divulgação científica se propõe novo, sendo fundamental que se estabeleça como diferente do anterior "velho", por mais que seja em muitos aspectos parecido

---

[52] Informações disponíveis no currículo na plataforma Lattes (http://lattes.cnpq.br/4978322672579487)

com o que critica, se estabelece como um tipo de história cativante pelos detalhes e curiosidades não analíticos. Logo, é possível aventar que para além de uma suposta lacuna deixada por aqueles que ocupavam esse local de produção do saber "institucional acadêmico", também se tem um estabelecimento de um modelo que se pretende diferente pela crítica ao anterior. Por mais que uma longa tradição de discussão e debates sobre as formas de divulgação do saber histórico tenha tido impacto na área, por mais que desde a década de 1970 tenha se falado no "retorno da narrativa" entre os historiadores, por mais que os historiadores da contemporaneidade tenham uma prosa, por vezes, quase tão fluida quanto o literato, esse espaço de fala lhes é negado.

O exemplo do Jovem Nerd ajuda a perceber como existe uma *ratio* de modelo de negócio nesse suposto projeto de divulgação do saber histórico, associada a estratégias complexas de controle e permissão de lugares de fala entre esse público. Esse lugar de fala de rede, principalmente as sociais, muito rapidamente pareceu compreender que a fala desses ditos "historiadores" poderia implicar em uma série de questionamentos da ordem estabelecida, pondo em suspensão o próprio modelo de negócio. Se é possível historiar um certo posicionamento teórico por parte de alguns historiadores que se recusaram a assumir postos dentro dessa lógica de divulgação, é também plausível falar que esse espaço não foi supostamente abandonado. Mais ainda, esse lugar de falar pode ter emergido em condições de possibilidade próprias e com uma necessidade de expurgo do contraditório.

Nesse sentido, cabe também um desconserto em relação à naturalização desses lugares de fala em rede, principalmente de uma suposta "imparcialidade de rede". Esses locais devem ser pensados como espaços em disputas, que estão alicerçados num modelo de negócio que precisa gerar e negociar informações. A ideia de produção de conteúdo para rede atende uma demanda específica, mas simultaneamente, também a está criando. O conteúdo desenvolvido para essas plataformas demanda também uma forma de perpetuação e monetarização, se traduzirmos em uma pergunta direta seria: como esse tipo de conteúdo se mantem? Como ele consegue se viabilizar financeiramente? Por mais que boa parte dos produtores comecem sem nenhum tipo de rentabilidade garantida, boa parte dos que perduram, como no caso mencionado, eles conseguem se viabilizar, geralmente, através duas produzindo conteúdo pago ou através da monetarização das plataformas onde estão alocados.

Na produção de conteúdo pago, o produtor de conteúdo recebe para falar de determinado produto, muito similar ao modelo de propaganda a outras mídias. Na monetarização pela plataforma o produtor de conteúdo recebe pela quantidade de visualizações que seu conteúdo tenha, nesse caso cabe a plataforma vender essas

visualizações da forma que melhor lhe convier. Em ambos os casos o que sustenta esse modelo não é apenas o valor dos anúncios ou as visualizações, mas sobretudo as informações que são coletadas dos usuários nas plataformas e depois são vendidas como bancos de dados. A maior parte das plataformas de compartilhamento obriga aos seus usuários, através da concordância dos "Termos do serviço" que todos são obrigados a "aceitar" para terem acesso as plataformas, a abrirem mão do sigilo de suas informações. Nesse modelo de negócio todas as informações de navegação dos usuários passam a ser registradas formando um banco de dado que podem fornecer desde perfil de compra dos usuários até que tipo de postura política ele tem. Tem-se uma sistemática que utiliza como moeda de troca aquilo que é produzido como características individualizáveis, mas é vendido como uma massa de informações que conduzem a um tipo de comércio direcionado e unilateral, onde quem compra já foi previamente localizado por seu vendedor que, por sua vez, seguiu os rastros deixados nos mais diversos espaços de produção de fala.

A produção de conteúdo alicerçado nesse modelo de negócio vai atender as demandas intrínsecas a ele, sendo esse conteúdo associada ao saber histórico, ele também tem em sua emergência as condições de possibilidade que o fazem vir à tona. Esse saber histórico que se propôs a produzir sínteses, também pode ter produzido as condições de possibilidade que viabilizaram e determinaram os espaços de rede em disputa. Um historiar que tenha em suas premissas a reflexão sobre os acontecimentos e a sistemática problematização das suas condições de produção poderia por em suspensão a própria lógica que sustenta essa produção de conteúdo. Além disso, pode haver uma outra relação, esse tipo de produção de saber histórico produzido para e por plataformas de compartilhamento, para poder negociar as informações de usuários prescinde que eles se exponham. O saber histórico produzido com elas precisa ser compartilhado, mas também tem que fazer com que os seus usuários se exponham, opinem, falem, comentem. Esse saber histórico que pressupõe usuários mais interessados em ocupar esse lugar de fala que de escutar/leitura, pode está produzindo uma forma de utilização histórica em que se abandona qualquer tipo de referência, comparação, reflexão, embasamento, teoria, método ou rigor de pesquisa; para uma alicerçada apenas na convicção individual.

***

Recentemente, ao me engajar também nesse esforço de diagnóstico do presente, imaginei a possibilidade de tentar mudar o foco da investigação, ao invés de me perguntar por que pessoas dizem o que dizem, me peguei antecipando a pergunta, porque as pessoas se propõe a dizer, o que quer que seja. Por que o pecado agora é não dizer? A naturalização

desse regime de fala também tem sua historicidade. Basta lembrar das muitas hostilidades e agressões que a atriz Glória Pires sofreu ao ser convidada para comentar a cerimônia de premiação da Academia Americana de Cinema, o Oscar na sua 88ª edição. No dia 28/02/2016, a atriz durante a transmissão, foi um dos assuntos mais comentados do na rede social Twitter, ficando entre os assuntos mais compartilhados na madrugada do dia 29/02/2016. O que fez com que ela alcançasse essa projeção foi recorrentemente se colocar no lugar proibido de não opinar. "Eu não vi, não posso opinar", a frase que virou um *meme*, podendo ser tomada como exemplo desse lugar, cada vez mais proibido, e mesmo perigoso, em que a ausência de opinião põe em xeque uma carreira. Afinal, é uma analista que se recusa a opinar alegando desconhecimento.

Essa *ratio* é estranha ao começo das relações em rede. As redes, principalmente as sociais têm em seu começo a publicização dos indivíduos, os primeiros passos para criação de um perfil consistem em descrever o que a pessoa é. A logística que sustenta a constituição em rede é o volume de informações que é possível de coletar sobre determinado indivíduo. A suposta gratuidade é uma troca na qual os indivíduos abrem mão da privacidade de suas opiniões para terem o benefício de se interligarem. Há uma premissa nesse modelo de negócio, essas opiniões constituem um volume de informação negociável entre os interessados em oferecer produtos de maneira quase individualizada. A "curtida", o "*like*", o "joinha" é uma opinião a ser processada através de complexos algoritmos para "melhor" vender oportunidades de negócio.

O indivíduo perigoso para esse modelo é aquele que não opina, que não expressa suas vontades, que não publica aquilo que o interessa. Expressar um posicionamento, seja qual for, é a condição a qual se torna possível essa *ratio*. Essa opinião é também uma mercadoria, não cabendo a ela juízo de valor, o fundamental é que ela exista. Em 10/11/2015 o pensador Umberto Eco após ser congratulado com título de doutor *honoris causa* em comunicação e cultura pela Universidade de Turim, criticou o modelo no qual estava montado os processos de disseminação de informação em rede. Ele comentou que as redes sociais dão direito à fala a uma "legião de imbecis" que antes se restringiam a pronunciar idiossincrasias "em um bar e depois de uma taça de vinho, sem prejudicar a coletividade". Disse ainda que "normalmente, eles [os imbecis] eram imediatamente calados, mas agora eles têm o mesmo direito à palavra de um Prêmio Nobel". A primeira parte de suas observações teve bastante repercussão sendo longamente noticiada, porém não se trata de uma era em que tudo pode, ou ainda de "dar voz aos idiotas", mas a época em que é inadmissível não opinar. A segunda parte da fala passou sem grandes questionamentos, mas talvez tenha sido por evidenciar que o problema está além

de muitos falarem, estaria em nesse espaço haver uma equiparação entre os que falam. Essa pulverização do lugar de fala entre os participantes, é a parte em que o modelo de negócio fica mais evidente, pois é dela que se dependem as redes para produzir seu objeto de comércio, as informações sobre seus usuários. As redes sociais não só "deram voz aos imbecis", mas parece possível admitir que os obrigou a falar.

Os exemplos nos últimos meses podem ser condensados em uma diversidade de situações nas quais, mesmo não estando diretamente inteirados de determinados eventos e casos, vários usuários das redes sociais multiplicaram os seus números de compartilhamentos, assim como, os de produção. Não por acaso, o Twitter aumentou a quantidade de caracteres de 140 para 280 em cunho experimental. O Brasil é o 4º país em número de usuários de internet no mundo, com 120 milhões de pessoas conectadas, ficando atrás apenas dos Estados Unidos (242 milhões), Índia (333 milhões) e China (705 milhões) e fica na frente de países como Japão (118 milhões), Rússia (104 milhões), Nigéria (87 milhões), Alemanha (72 milhões), México (72 milhões) e Reino Unido (59 milhões).[53]

Ainda assim, esses números são baixos se consideremos o total de brasileiros conectados em relação ao total da população. O país tem 59% de usuários conectados, percentual inferior ao do Reino Unido com 94%, Japão com 92%, Alemanha com 90%, Estados Unidos com 76% e Rússia com 76%, segundo dados da União Internacional de Telecomunicações. Quando esse número é visto a partir das regiões do país, aparecem discrepâncias, do total de pessoas conectadas, 59% estão nos centros urbanos e apenas 26% nas áreas rurais, no recorte regional, o índice é de 40% no Nordeste, contra 64% no Sudeste.[54] No aspecto econômico também existem disparidades, a internet está só em 29% das casas com famílias com renda de até um salário mínimo, mas nas que ganham até 10 salários mínimos o índice é de 97%. Ainda de acordo com a pesquisa, o telefone celular é o meio mais utilizado para o acesso individual com 89%, seguido pelo computador de mesa com 40%, notebook com 39%, tablete com 19%, televisão com 13% e videogame com 8%.

Em pesquisas, relativamente desatualizadas pela *We Are Social*, realizada ao longo do último trimestre de 2015, 45% da população que acessa a internet o faz para utilizar as redes sociais de todos os tipos. Visualizando o perfil etário, os dados da Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, percebe-se

[53] Esses dados são de um relatório sobre economia digital divulgado 03/10/2017 pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, na sigla em inglês). Disponível em: http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/ier2017_en.pdf

[54] Dados da pesquisa TIC Domicílios, do Núcleo de Informação e Comunicação do Comitê Gestor da Internet (CGI-Br)

que 65% é de jovens que tem até 25 anos. As formas de ajuntamento em redes mais acessadas por ordem são 1) Facebook, 2) Whatsapp, 3) Messenger, 4) Youtube, 5) Instagram, 6) Google+, 7) Skype, 8) Twitter, 9) LinkedIn, 10) Snapchat. Diante desses dados, é possível afirmar, então, que o perfil mais geral do brasileiro que acessa a internet é majoritariamente jovem, vive com renda entre as classes A e B e as redes sociais[55] que mais utiliza são Facebook, Instagram e Twitter. Essas informações podem ajudar a perceber como um certo modelo de censura se reestabeleceu e quem os reproduziu ou foi solicitado a falar, tem um perfil localizado e aferível. As informações também permitem tornar mais complexo o leque de análise que problematizem sobre o saber histórico produzido sob a batuta desse modelo, onde ocupar lugar de fala é uma exigência. As opiniões oriundas da sistemática requisição da fala, podem adquirir um tom impositivo, mas também indicam os lugares de onde partem e quais saberes estão lhe fomentando. Em mais um deslocamento, caberia perguntar se o tipo de historiar propagado por esse modelo de negócio também não tem contribuído com a ausência de reflexão e descalabros recorrentemente vistos nesse ambiente.

Não se poderia estar em pior momento para se pensar sobre isso, a censura voltou a ser pauta do dia, os usuários das redes estão desejosos de expressar as opiniões que antes eram inconfessáveis. Talvez não seja só um retorno do conservadorismo, ou uma publicização do reacionário, antes enrustido, mas um desejo patológico pelo direito à fala, uma necessidade de publicização da vida iniciada em imagens, perfis, “textões”, uma compulsão pela afirmação do insofismável. Longe de querer estabelecer uma síntese sociológica, mas tentando um exercício reflexivo, é plausível sim relacionar tanto os saberes que tornaram possível emergir esse tipo de posicionamento, como os jogos de poder nos quais eles estão inseridos. As plataformas de compartilhamento não são neutras, elas não oferecem serviço gratuito, elas não podem ser lidas como um bem comum. Toda a base de complexos logaritmos, utilizados para mapear perfis e traças estratégias de aproximação e distanciamento em grupos, também tem servido largamente para deslegitimar saberes. As opiniões em pé de igualdade nivelaram para baixo a qualidade das informações, assim como, produziu o expurgo da competência analítica.

Tomemos novamente um exemplo próximo, o que tem acontecido em relação as artes, não tem sido se não um expurgo da reflexão? Exposições em museus sendo fechadas, museus sendo apedrejados, marcados como lugares de ódio e aí se descobre que apenas 2% da

[55] O entendimento que estamos fazendo aqui é de rede social como plataforma de compartilhamento de informações que agrega multimeios (áudio, vídeo, imagem, texto e gif por exemplo), através de um modelo relativamente aberto, ou seja, sem a necessidade do público precisar de algum tipo de consentimento de quem está disponibilizando as informações.

população brasileira frequenta estes espaços. Os que tem alguma formação são ainda menos numerosos, ainda sim, uma criança acompanhada de sua mãe tocar um corpo nu em exposição foi o estopim para uma onda de comoção e combate a pedofilia. Ela, a criança, não tocou o sexo exposto, um toque próximo aos pés e outro próximo ao ombro. Não parece haver outra explicação que não seja o olhar dos que veem nisso pedofilia, erotização e insulto à moral, um olhar que mais evidência o lugar dos que julgam que tenta defender a supracitada criança. Vê na imagem sexualidade é perceber que não se consegue em pleno século XXI lidar com um corpo nu. Novamente, porque precisamos dar opiniões que não tocam o que se é, não atingem nossos corpos, não está no espectro das coisas estabelecidas como possíveis para si? Num historiar que tente pensar com o próprio tempo, a pergunta pode ser invertida. Que tipo sociedade pôde produzir uma intervenção que obriga a falar mesmo quando não se sabe do que está sendo tratado?

A *ratio*, que promove o posicionamento a qualquer custo, também promove os paladinos. Não demorará e logo os moralistas sugeriram que se cubram todos os genitais, sejam em que situação for, depois se cobriram todas as partes do corpo erógenas, pois estimulam a libido e o prazer do outro, depois de se perceber que todas as partes do corpo são possíveis de prazer, este será enfim banido de toda e qualquer possibilidade de exibição. O corpo por ser belo será castigado, supliciado, recriminado e finalmente sentenciado por existir e provocar. Mas não é qualquer corpo que será excomungado. O corpo nu era de um homem, o genital a mostra era um pênis, a responsável pela criança era uma mãe, uma mulher. O corpo nu da mulher no carnaval, exibido à exaustão, o corpo feminino sistematicamente explorado na teledramaturgia e em programas dominicais, não é ou foi objeto de polêmica. Responsável masculino nunca foi acusado de irresponsabilidade por partilhar o nu feminino, seja em revistas, seja em movimento ou presencialmente. Também é um episódio de machismo este que tenta interditar o corpo masculino nu. Esse machismo, por si só, não dá conta da situação, mas pode evidenciar que as questões devam ser mais reflexivas, precisem ser melhor estudadas, melhor problematizadas e tratadas com acuidade. Os sabes não são apenas opinião. A história não pode esmaecer um milímetro de sua analiticidade.